

ENTREVISTA

ARTE *DRAG* E RESISTÊNCIA LGBTI: ENTREVISTA COM RUTH VENCEREMOS

| 370

Ruth Venceremos¹

Leonardo Nogueira Alves²

Ayrton Senna Seraphim do Amaral³

Bruna Andrade Irineu⁴



Ruth Venceremos é uma *drag queen* de Brasília/DF e militante social. Uma das fundadoras do Distrito *Drag*, um coletivo de artistas transformistas do Distrito Federal e faz parte do Coletivo LGBT Sem Terra.

¹ *Drag queen* de Brasília/DF e militante social. Uma das fundadoras do Distrito *Drag*, um coletivo de artistas transformistas do Distrito Federal e faz parte do Coletivo LGBT Sem Terra.

² Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutorando em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor do Departamento de Publicidade e Propaganda do UNIVAG Centro Universitário.

⁴ Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

1. A arte *drag* é para o movimento LGBTI uma forma de resistência e de expressão política. Como foi a sua aproximação com essa expressão cultural e como surgiu a Ruth Venceremos?

Desde a infância a arte sempre foi algo que me despertava curiosidade e interesse, apesar do nosso cotidiano ter sido marcado pela ausência de acesso a bens culturais a gente inventava e se reinventava com o que tínhamos. Ou seja, imaginar, sonhar e brincar com uma vida melhor do que a pobreza (que beirava a miséria) em pleno sertão pernambucano era um oxigênio necessário para seguir vivendo. E, nesse sentido, a escola foi um lugar central que me ajudou a despertar a sensibilidade para o campo da arte através das famosas datas comemorativas onde, em geral, a gente tinha oportunidade de participar de atividades artísticas e culturais não apenas como espectador, mas como atores. Lembro que quando cursava último ano do ensino fundamental me montei para uma apresentação teatral na escola sobre HIV, eu devia ter meus 14 anos de idade e aquilo para mim foi transformador, pois via que por meio da arte podia conscientizar pessoas. Um marco importante foi ver artistas como Jorge Lafond na TV, despertava em mim um sentimento e conexão forte com aquele personagem e só depois de muito tempo pude entender essa conexão: era uma bicha preta como eu. Lembro que foram inúmeras as vezes que fui chamado de Vera Verão como chacota por eu ser uma bicha preta. Mas foi somente quando adulto que eu puder entender e processar melhor o que vivi na minha infância e adolescência. De maneira que pude me desafiar a me reencontrar comigo, com as aspirações e desejos de uma criança que sonhava, mas que tinha seus sonhos tolhidos por uma sociedade que nos impõe, desde o nascimento, um padrão de comportamento. O meu envolvimento com a arte transformista/*drag queen* foi acontecendo... primeiro veio o nome Ruth Venceremos durante o 1º Seminário “O MST e diversidade sexual”, ocorrido em agosto de 2015 na Escola Nacional Florestan Fernandes, que começou como uma brincadeira de nosso querido Adriano Matos, em que ele resolveu batizar cada pessoa que ali estava com um nome de guerra. No meu caso ele insistia que eu tinha cara de Ruth e sobrenome Venceremos cairia bem já que tinha a ver com a ideia de vitória da classe trabalhadora. Mas a primeira montagem na fase adulta da vida aconteceu no carnaval de 2016, no qual me senti a vontade de ir em Brasília ao Bloco Virgens da Asa Norte junto

com uma amiga e um amigo. Botei uma peruca, pedi para a amiga fazer a maquiagem, improvisei uma roupa e fomos. Ao chegar no local já fui tomada por diversos olhares positivos e o assédio das pessoas para tirar fotos e tal. Na oportunidade ia ter um concurso para eleger a rainha das virgens e os organizadores do bloco insistiram que eu participasse. Particpei e fiquei em terceiro lugar, o júri técnico elegeru a melhor performance do bloco, mas meu principal presente foi a popularidade que tive junto ao público. Ali mesmo eu passei a perceber o potencial da montagem na comunicação com o público e em especial em atividades massivas e comecei a observar e me interessar mais ainda pela arte *drag queen* e de tal forma que, em fevereiro de 2017, após me montar pela segunda vez para o carnaval, eu decidi fazer uma oficina de iniciação *drag* organizada por Mary Gambiarra e Dita Maldita, duas figuras importantes da cena *drag queen* da capital federal. Na oficina aprendi noções básicas de maquiagem e construção de personagem e não demorou muito para eu, Rojava e Raykka Rica – que também participaram da oficina – começarmos a ocupar as festas alternativas da cidade com a nossa presença, numa fase inicial que nem nos maquiarmos direito sabíamos, mas colocamos nossos três corpos pretos em movimento e fomos nos fazendo *drag queens* que ousam fazer política com seus corpos para além do entretenimento.

2. A *drag queen* que atua centralmente na militância também atua no segmento de performances para entretenimento? Como funcionam essas fronteiras performáticas para Ruth Venceremos?

É notória a força que tem a arte *drag queen* como entretenimento, isso se deve muito ao jeito que essa arte figura na mídia e como isso vai repercutindo e construindo um padrão sobre o fazer da arte transformista. Eu tenho como princípio de que devemos ocupar todos os espaços e neles fazer política, no sentido de levar as pessoas a refletir sobre as coisas que acontecem no mundo. Muitas pessoas me conheceram se apresentando em festa, outras fazendo a militância aberta em prol dos direitos humanos e da democracia. No meu caso eu não consigo conceber uma dimensão sem a outra. Pois, mesmo quando estou falando de assuntos caros e importantes da sociedade, meu corpo

de *drag* preta se faz como ferramenta pedagógica e artística para trazer à tona reflexões que são necessárias e que o humor, a ironia e o deboche articulados com conteúdo político-ideológico produzem um bom caldo cultural e de formação. O que não faço é reduzir a arte transformista a questão do entretenimento, pois essa é uma arte que tem um potencial de transformação de pessoas e do mundo.

3. Como surgiu a iniciativa de organização das “LGBT Sem Terra”? Qual o significado político e pedagógico da organização das pessoas LGBT no MST para os movimentos populares e para a esquerda brasileira?

O Coletivo LGBT Sem Terra é resultado da ousadia histórica de sujeitos que constroem o maior movimento popular da América Latina, o MST. Embora muitas de nossas questões fossem invisibilizadas (o Movimento também reproduz a lógica patriarcal que impera na sociedade), por vezes alvos das piadas e olhares do preconceito, fomos internamente provocando o debate e fazendo ações pontuais que resultaram na construção do coletivo. Entre essas, destaco as ações protagonizadas por pessoas LGBT do Ceará, na organização de espaços de discussões com a base social e militância, e a iniciativa na Bahia, onde a juventude fez intervenção durante uma Marcha Estadual para chamar atenção para a questão da LGBTfobia. Vale lembrar, ainda, da participação do MST durante a Marcha contra a Homofobia, que aconteceu em Brasília, em 2013, e a participação massiva de LGBTs durante o Congresso Nacional do MST, em 2014. Há também ações como as rodas de conversas realizadas na Escola Nacional Florestan Fernandes sobre o tema da diversidade sexual e de gênero, entre tantas outras iniciativas espalhadas pelo Brasil até chegarmos ao primeiro Seminário “O MST e a diversidade sexual”, que significou um marco histórico no MST, no qual pudemos dar uma unidade política e ideológica para tudo que vinha ocorrendo. Somos nós, portanto, rompendo as cercas e os armários que nos privam de viver e de amar. O percurso histórico de construção e de projeção do debate sobre liberdade sexual, a partir da questão da diversidade sexual e de gênero, é um marco histórico na construção do próprio MST. E, passados alguns anos, percebemos que, paulatinamente, a temática foi se enraizando no

Movimento e se constituindo com uma proposição importante que, sem esta, a história da Organização se apresentaria com lacunas. Esse amadurecimento é uma demonstração de que este Movimento se fez e se faz como práxis transformadora, que vivencia contradições, percebe seus limites e se reinventa, qualificando, assim, sua atuação e ação política.

4. O MST tem sido um dos movimentos sociais mais criminalizados na história recente brasileira. O avanço do neofascismo combinado com a ofensiva do agronegócio no campo e a ausência de políticas públicas no campo impactam diretamente na vida de trabalhadores rurais. Quais os principais desafios para a organização de LGBT no MST?

A sociedade é produtora de estereótipos como forma de dominar e controlar corpos e narrativas, assim como difundiu-se uma visão estereotipada sobre o que é ser LGBT, como se nossas aspirações dissessem respeito apenas a luta por amar, sem que isto implicasse a luta por trabalho, moradia, saúde e cultura para as pessoas LGBT. Aos camponeses figurou-se uma lógica de que as pessoas que vivem no campo são atrasadas, que camponês é um sujeito conversador. Mas, a base social do MST é uma base de trabalhadores e trabalhadoras camponesas organizada, não estamos partindo de um camponês que se faz sozinho. Logo, por mais que os territórios de assentamentos e acampamentos estejam atravessados sob a lógica patriarcal, busca-se construir novas formas de sociabilidade humana. Assim, acredito que o principal desafio hoje é avançar na organização LGBT no conjunto da nossa base social, pois, até aqui, a incidência do debate no âmbito da militância logramos bastante êxito. Avançar com a organização das LGBTs nos assentamentos e acampamentos é para fazer avançar o próprio Movimento Sem Terra rumo a transformar os seus territórios em espaços livres do preconceito e da discriminação, assegurando uma atuação plena de pessoas LGBT no MST.

5. Por retomar raízes da história das *drag queens* militantes, fugindo ao novo “formato” esperado de estilização do feminino e “*look queen*”, como é a recepção da sua *drag* por parte de fãs e do próprio MST?

A Ruth Venceremos nasce no contexto do Seminário sobre Diversidade Sexual no MST, conforme já falei, mas a sua atuação se fez no espaço urbano como dimensão estratégica de atuação, incidência e diálogo com outros setores da sociedade. Muitas pessoas nem sabiam que eu era do MST. Então, Ruth Venceremos se projetou como artista fora do MST, o que de certa forma facilitou essa boa recepção no Movimento. Relembro que um dos momentos de projeção nacional da minha *drag* foi exatamente quando fui votar montada e com a bandeira do Haddad no primeiro e segundo turno das eleições de 2018, desafiando a hegemonia bolsonarista em Brasília. Esse marco foi importante porque demonstrou a potência dessa dimensão política da arte transformista.

| 375

6. Como você percebe a potencialidade da arte *drag* e seu caráter educativo no campo da batalha ideológica que estamos vivenciando neste momento em que é necessário aprofundar a capacidade de diálogo da esquerda com diversos setores, entre estes a população LGBTI?

Na batalha das ideias não existe apenas uma arena de luta política. Logo, a *drag queen* como corpo político, que transita na sociedade com seu picumã e maquiagem extravagante, é uma ferramenta pedagógica que contribui diretamente para pensarmos sobre as coisas que acontecem no mundo. Embora olhemos para a maioria das *drags* e vejamos muito brilho e glamour é preciso refletir sobre o lugar das artistas transformistas na luta de classes, pois somos classe trabalhadora e temos a arte como elemento humanizador e como fonte de reprodução da nossa existência. Quando se fala na esquerda dialogar com a população LGBT prefiro dizer que primeiro a esquerda precisa se reencontrar consigo, em termos de projeto político de luta contra os males produzidos e perpetuados pelo capitalismo, para além da exploração, avançar na construção de um projeto que visa a superação da exploração-dominação, e isso passa pela ruptura com o modelo patriarcal-heterossexista da sexualidade. E, segundo, não dá para tratar as

questões ditas “identitárias” como se fossem secundárias, pois se o estar vivo é o pressuposto fundante para fazer história, como já dizia Marx, então é preciso que pessoas pretas, LGBT e mulheres estejam vivas, o que é difícil num país em que a violência e a morte persistem nos visitar. As “Genis” que tem seus rostos cuspidos e seus corpos apedrejados são pessoas que desafiam a lógica dessa sociedade que tenta aprisionar corpos e mentes, desse modo, essas vidas e todas as dimensões que a constituem, incluindo o seu lugar na luta de classes, não são questões menores. Por isso, vejo na arte transformista e na organização de LGBT a potencialidade de provocar o debate para dentro da esquerda e ao mesmo tempo construir pontes de diálogos na sociedade. A mensagem que minha *drag* carrega em sua estética e conteúdo de classe chegou a lugares e a pessoas que o jeito convencional de fazer militância não chegou. É preciso que a gente siga se reinventando também sob as formas de se organizar para chegar onde o povo está e sabemos que não é fácil, mas isso tem que estar na ordem do dia, pois o neofascismo avança a passos firmes.

7. De que modo as mídias digitais têm contribuído para a visibilidade da Ruth Venceremos? Isso tem se ampliado diante da pandemia da Covid-19?

Com a necessidade do isolamento social ampliou-se a necessidade de as pessoas estarem cada vez mais conectadas e, com isso, aumentou a demanda de participação em *lives* e seminários *online*. Antes da pandemia as mídias sociais para mim já eram um forte instrumento de visibilidade, o contexto vivido acabou potencializando isso ainda mais.

8. O Distrito *Drag* tem sido uma experiência exitosa na organização de LGBTI numa conjuntura bastante adversa pós-eleição de Bolsonaro e sua ofensiva conservadora neofascista. Como tem sido a atuação de vocês no Distrito Federal e como você avalia a importância de organizações LGBTI para enfrentar a ofensiva conservadora?

Eu sempre digo que o Distrito *Drag* é uma novidade interessante, inclusive para gente pensar em novas formas de organização de LGBT para luta política. Somos um coletivo que vai completar três anos de existência e, em geral, nossas integrantes têm

pouca experiência de atuação política, de participação em coletivos dessa natureza. Estamos aprendendo a nos organizar como coletivo político. Esse aprendizado tem se dado a partir de coisas bem concretas como a construção do calendário *drag queen*, no qual fazemos uma produção fotográfica coletiva e todo o recurso arrecadado com as vendas é destinado para projetos sociais e culturais voltado pra comunidade LGBT; o conexão *drag*, um espaço de debate, intercâmbio e troca de experiências com outras artistas de diversos estados brasileiros; o Bloco das montadas, uma troça carnavalesca puxada por nós que se tornou o maior bloco LGBT do carnaval de Brasília, na edição 2020 foram mais de 60 mil pessoas participando e, pelo segundo ano consecutivo, foi eleito o melhor bloco de carnaval do Distrito Federal. Nesse contexto da pandemia, o Distrito *Drag* criou o Fundo de Apoio Emergencial para artistas LGBTI do DF, que já ajudou 40 artistas locais por meio da destinação de uma ajuda de custo. Em todos os projetos desenvolvidos pelo Distrito *Drag* realizamos encontros de formação com a pessoas envolvidas, exceto nesse contexto de pandemia, e esses processos de formação fazem parte da nossa estratégia de ampliação do repertório cultural, político e de consciência de pessoas LGBT. Ao longo dessas formações, fomos percebendo que nós temos pouca noção histórica do projeto que está em curso e para enfrentarmos isso, a tarefa passa por pensarmos estratégias de luta, por isso a formação (encontros, palestras, intercâmbio, estudo) alinhada com ação concreta é o que nos da consciência histórica.

Agradecemos a disponibilidade da Ruth Venceremos por nos conceder esta entrevista. É um prazer dialogar com essa experiência que pulsa resistência e nos estimula a construir um mundo novo, livre de violências e preconceitos.